

**JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY
JOURNAL ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1**



**ASSISTÊNCIA PEDAGÓGICA À
CRIANÇA COM ESPECTRO
AUTISTA**

**PEDAGOGICAL ASSISTANCE FOR
CHILDREN WITH AUTISTIC
SPECTRUM**

**Priscila Setúbal THOMANN
Escola Municipal Dr. Cesar Belmino
Barbosa Evangelista de Araguaína-To.
E-mail: priscilathomann@hotmail.com**



RESUMO

Este artigo faz uma abordagem sobre a assistência pedagógica à criança com diagnóstico do espectro autista, a normalidades que envolvem as áreas de interação social, comunicação e comportamento repetitivo. Portanto o objetivo é identificar o papel do pedagogo na inclusão da criança com diagnóstico do espectro autista, apontando o seu processo de inclusão escolar, bem como o comprometimento de família e educadores envolvidos no processo de socialização, aprendizagem e convivência no meio escolar e na sociedade onde vive. Visto que ambos devem assumir com grande responsabilidade na formação e aprendizagem, respeitando as dificuldades do portador da síndrome de autismo, estimulando e dando suporte e segurança para esse, que é sujeito único e que precisa ser compreendido e amado. Ressaltamos também a importância da parceria entre família e professores e que estes estejam preparados para contornar as situações que venham surgir. É preciso haver cumplicidade entre família e escola para ajudar o autista a enfrentar os desafios na sua socialização e interação no meio que está inserido.

Palavras-chave: Autismo. Educação. Família.

ABSTRACT

This article from bibliographic studies makes an approach about autism and its manifestations, as well as the commitment of family and educators involved in the process of socialization, learning and living together in the school and in the society where you live. Since both must assume with great responsibility in training and learning, in compliance with the carrier's difficulties of autism, encouraging and providing support and security for this, which is unique and subject that needs to be understood and loved. We emphasize the importance of the partnership between families and teachers and that they are prepared to work around the situations that may arise. There must be complicity between family and school to help the handicapped to meet the challenges on your socialization and interaction in the middle that is inserted.

Keywords: Autism. Education. Family.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista - TEA é definido por déficits persistentes na comunicação e interação social nas mais variadas circunstâncias, por padrões restritos e repetitivos de comportamento ou atividades presentes em crianças autistas, de forma precoce este desenvolvimento causa prejuízos consideráveis em campos importantes da sua vida social, (ANDRADE, 2016).

Este problema é caracterizado como uma perturbação global no desenvolvimento da criança, onde por definição engloba mudanças graves e precoces nos campos da socialização, comunicação e cognição, os quadros geralmente são severos e persistentes, com largas variações em cada indivíduo.

Justificando a situação problema apontado pelo relato da pergunta: Como Ocorre a aplicabilidade Pedagógica de Assistência pedagógica que adere a acessibilidade de Crianças Especiais na Educação Inclusiva?

Em 1943 Dr Leo Kanner tornou-se pioneiro na psiquiatria infantil propôs cientificamente o diagnóstico do autismo relatando os poucos locais de atendimento primário oferecido ao aluno com espectro do autismo, tornando o reconhecimento dessa doença extremamente importante para todos os profissionais da saúde.

O professor que prima pelas suas habilidades nos diferentes serviços, de educar e por ser peça principal de informações para os demais responsáveis pelo atendimento primário em educação, daí a importância relevante deste tema: Assistência pedagógica a Criança Com Espectro Autista, englobando com teoria do autocuidado de Orem (1956), que inclui o autocuidado nas atividades de exigência terapêutica, onde ela acredita que o profissional de enfermagem juntamente com o cliente, deve identificar os déficits de incapacidade, procurando a prática de atividades iniciadas e executadas pelos indivíduos em seu próprio benefício e do bem-estar.

A inclusão começou com um movimento de pessoas com deficiência e seus familiares na luta pelos seus direitos de igualdade na sociedade. E com os autistas não foi diferente, sabendo que estes, apresentam um desafio para todos que estão ligados intimamente com eles. Portanto, o presente trabalho mostra através de uma pesquisa bibliográfica de como educadores e famílias trabalham com crianças autistas. Para os autistas, o outro não existe, a sua interação com o outro é comprometida pela síndrome comportamental.

As famílias e os educadores que vivem essa realidade precisam de muita paciência e comprometimento para que haja uma rotina estimuladora desenvolvendo assim a aprendizagem e a capacidade de cada autista, valorizando seu potencial. Todos podem aprender cada um com as suas limitações, dependendo muito de quem os conduzem.

A INCLUSÃO

Falar sobre o Transtorno de Espectro Autista (TEA) tem sido frequente ultimamente, principalmente em debates, artigos científicos, livros, seminários, congressos e outros. É sabido através de pesquisas e estudos que essa temática se faz necessária pelo fato das crianças ou pessoas diagnosticadas com o TEA terem o direito de ser incluídas, assistidas em todas as esferas sociais.

Segundo Santos (2010) e Nogueira (2011), é importante a observação do professor na descoberta do autismo infantil, especialmente, nas integrações sociais com outras crianças ao avaliar a comunicação à percepção do profissional da saúde auxiliará o educador na descoberta precoce do autismo.

Cada situação exige que o educador passe a criar alternativas para lidar com as dificuldades de interatividade social onde o professor possa lidar com a criança Autista - TEA, onde se faz necessário conhecer seu cliente em suas características e o assisti-lo mediante suas necessidades.

Quando se ouve a palavra "autismo," logo vem à mente a imagem de uma criança isolada em seu próprio mundo, contida numa bolha impenetrável, que brinca de forma estranha, balança o corpo para lá e para cá, alheia a tudo e a todos.

Geralmente está associada a alguém "diferente" das outras crianças que vive à margem da sociedade e tem uma vida extremamente limitada, em que nada faz sentido, mais não é bem assim, esse olhar nos parece estreito demais a nós, então, quando falamos em autismo, estamos nos referindo a pessoas com habilidades absolutamente reveladoras, que calam fundo na nossa alma, e nos fazem refletir sobre quem de fato vive alienado.

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga por toda a vida, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 70 milhões de pessoas no mundo são acometidas pelo transtorno, sendo que, em crianças, é mais comum que o câncer a Aids e o diabetes. Caracterizando-se por um conjunto de sintomas que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento, dentre elas, a mais comprometida é a interação social.

No entanto, isso não significa dizer, em absoluto, que a pessoa com autismo não consiga e nem possa desempenhar seu papel social de forma bastante satisfatória, ao contrário, pretendemos, neste trabalho, esclarecer algumas dúvidas como também romper a visão obtusa e estigmatizada que a nossa sociedade ainda tem acerca desse mundo singular, em primordial nas creches de educação infantil.

É fundamental que o professor tenha conhecimento para avaliar os sinais e sintomas do autismo, para que haja uma intervenção satisfatória no tratamento e melhora do aluno, mais com precisão nas orientações familiar e cuidadores, pois este profissional é capaz de criar estratégias voltadas a minimizar os impactos que a doença traz ao aluno e seus familiares, assim, conscientizar os pais quanto às possíveis alterações em seu filho (NOGUEIRA, 2011).

A sociedade é marcada por problemas sociais, geralmente fruto de exclusão social, que se tornou um tema recorrente na atualidade. A miséria, a desigualdade, o preconceito, a marginalização, a injustiça social estão presentes no mundo todo. O sistema capitalista busca incluir as pessoas na sociedade, oferecendo empregos, garantindo a sobrevivência dos indivíduos, mas, ao mesmo tempo, exclui os trabalhadores das posses dos meios de produção. Isso reflete numa dialética entre exclusão e inclusão, que é reflexo de um processo sócio histórico, em que a sociedade exclui para incluir, o que torna a exclusão, aos olhos de muitos, um fenômeno natural e inevitável, devido a sua presença ao longo da história da humanidade.

Sasaki, (2002) afirma que, é preciso construir uma sociedade composta por pessoas que respeitem as diferenças, de forma que, a partir de alguns pontos de vista, a educação inclusiva pode ser considerada capaz de realmente incluir e não apenas receber uma criança com necessidades especiais. A sociedade é marcada por problemas sociais, geralmente fruto de exclusão social, que se tornou um tema recorrente na atualidade. A miséria, a desigualdade, o preconceito, a marginalização, a injustiça social estão presentes no mundo todo. O sistema capitalista busca incluir as pessoas na sociedade, oferecendo empregos, garantindo a sobrevivência dos indivíduos, mas, ao mesmo tempo, exclui os trabalhadores das posses dos meios de produção. Isso reflete numa dialética entre exclusão e inclusão, que é reflexo de um processo sócio histórico, em que a sociedade exclui para incluir, o que torna a exclusão, aos olhos de muitos, um fenômeno natural e inevitável, devido a sua presença ao longo da história da humanidade.

Os movimentos que marcaram a busca de uma sociedade sem discriminação ocorreu durante um longo percurso, mostrando como era vista a deficiência no início sendo

considerada um fenômeno metafísico, determinado pela possessão demoníaca (BRASIL, 2004, p. 10).

A exclusão, na Idade Média, está relacionada ao poder que a Igreja detinha na época sobre a sociedade, manifestado nas relações cotidianas. Todos que nasciam com deficiência eram afastados da comunidade.

Então, ao longo da história da humanidade, o conceito de exclusão faz parte da sociedade, mesmo que por diferentes razões (raça, etnia, gênero, cultura, religião, etc.). No decorrer da história, os excluídos assumem significados diferentes, mas em todos eles há uma relação entre poder e exclusão (FOUCAULT, 1997).

Para Mazzota (2005) atualmente é preciso que a prática da inclusão de crianças autistas seja oportunizada a todas as crianças assim como às suas famílias. As Salas de Recursos Multifuncionais são espaços reservados ao Atendimento Educacional Especializado – AEE. Essas salas com uma variedade de materiais didáticos e pedagógicos, para ser trabalhado o lúdico cujo recurso de acessibilidade específica para o atendimento aos alunos público alvo da educação especial, em turno contrário à escolarização.

O Ministério da Educação, instituiu o Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais, através da Portaria Nº. 13, de 24 de abril de 2007. Para aperfeiçoar as redes públicas de ensino na organização e na oferta do AEE.

O Programa visa atender a demanda das escolas públicas que possuem matrículas de alunos com, transtornos globais do desenvolvimento, dificuldades de aprendizagem, superdotados/altas habilidades, as salas são classificadas em: Tipo I e Tipo II. Dessa forma, é necessário que o governo municipal, garanta professor para o AEE, assim também o espaço para a sua implantação.

As Salas de Recursos Multifuncionais Tipo I são equipadas com materiais eletrônicos como: computadores, fones de ouvido e microfones, mouse e laptop, jogos pedagógicos acessíveis, lupas manuais e lupa eletrônica, entre outros.

Nas Salas de Recursos Multifuncionais Tipo II são acrescidos de outros recursos específicos para o atendimento de alunos com cegueira, como impressora Braille, Braille, punção, soroban, guia de assinatura, kit de desenho geométrico, calculadora com som, software para reprodução de desenhos gráficos e táteis.

Segundo o Decreto Nº 6.571/2008: todos os alunos com deficiência (natureza física, mental, intelectual ou sensorial), os com transtornos globais do desenvolvimento (com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil). (MEC/SEESP), serão

atendidos, nas Salas de Recursos Multifuncionais da rede pública, ficando estabelecido na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

O Autismo

O termo Autismo provém da palavra grega “autos” que significa “próprio” e “ismo” significa “orientação ou estado”. No início do século XX, mais precisamente em (1911). O diagnóstico realizado ainda na infância é muito importante para uma criança autista visto que, diretamente sua socialização sendo indispensável à ação de professores nesse momento, que podendo conviver com crianças autistas possam identificar o transtorno e assim tomar as providências necessárias para que o mesmo possa ser diminuído ainda na infância (PAULINO, 2015).

São crianças que compartilham muito pouco, em geral são retraídos. Nem mesmo os pais destas crianças conseguem fazer com que elas sejam comunicativas. Segundo Silva (2020), muitos profissionais chegam a uma única conclusão: “Os problemas da criança resultam da forma como ela foi criada”. Enquanto na verdade ela precisa ser diagnosticada e tratada, ainda segundo Barkley (2002), a vida de uma criança portador da síndrome autista que não receber o diagnóstico e tratado correto, provavelmente será repleta de fracassos e malogros. Então, como pais e professores podem minimizar as dificuldades escolares de alunos autistas? A hipótese encontra-se constituída de que, através do conhecimento sobre a síndrome autista, o educador no momento da ação didático-pedagógica, certamente terá estratégias e subsídios para contornar muitos problemas de aprendizagem que ele venha apresentar.

Diante do exposto, fica claro a necessidade de definir o conceito de autismo, assim como, características, classificação, diagnóstico e orientações a todos que de certa maneira se encontram envolvidos com a problemática da síndrome autista: pais, educadores, familiares, entre outros.

Para Nunes (2018) o autismo é tido como uma alteração do desenvolvimento com as seguintes características: incapacidade para estabelecer relações com outras pessoas; atrasos e alterações na aquisição da linguagem; o desejo obsessivo de imutabilidade no ambiente e tendência para atividades (SOARES et al, 2020).

Segundo RIVIERE, (2004). Defendia que estes sintomas se apresentavam desde o nascimento e que as crianças afetadas por eles tinham um bom potencial cognitivo, justificado pelo bom vocabulário das crianças que falavam pela excelente memória de acontecimentos passados anos antes, pela excelente memória mecânica, de poemas e

nomes e pela recordação exata de sequências complexas (GOMES, ABIRACHED; LEITE, 2021).

Embora usando algumas terminologias diferentes, ambos acreditavam que o isolamento social, característico do autismo, era inato (nas palavras de Kanner) e constitucional (nas palavras de Asperger) e persistia por toda a vida.

Para além do isolamento social, qualquer um deles observava nestas crianças um contato visual muito pobre, interesses especiais por objetos, comportamentos bizarros e uma grande resistência à mudança. Por fim, ambos concordam com o aspeto físico destas crianças, que aparentemente é normal. As características essenciais do Transtorno Autista são a presença de um desenvolvimento acentuadamente anormal ou prejudicado na interação social e comunicação e um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses (GOMES, 2015).

A dificuldade no uso da comunicação é marcante nos transtornos globais do desenvolvimento e traz prejuízos para o comportamento da criança. Como consequência, podemos citar diversas outras dificuldades, como expressar e identificar sentimentos, vontades e necessidades. A intervenção terapêutica e a mudança de postura dos pais e cuidadores aumentam a possibilidade de linguagem e comunicação, diminuindo os comportamentos inadequados. Por este motivo, o interesse na aquisição da linguagem será o foco do presente estudo, assim como a importância das intervenções que se preocupam com a participação dos pais na terapia de seus filhos. Esta participação é fundamental para o bom andamento dos resultados (VYGOTSKY, 2007).

A intervenção comportamental é uma das mais utilizadas no tratamento de crianças autistas, por ser eficaz e mostrar resultados consistentes. (GOMES, 2015). A terapia é bem estruturada e direcionada, tendo como objetivo o ensino das habilidades que faltam a cada criança de uma forma individual. (BABOSA; PEREIRA, 2022). Assim, o indivíduo é modificado pelas consequências de suas ações considerando que o comportamento humano é função da relação do indivíduo com o ambiente, ou seja, uma relação entre o estímulo antecedente (ROCHA, 2001).

Para Paulino (2015) o autismo não se trata de doença, e sim um transtorno da forma pela qual as mesmas veem o mundo a sua volta, e que os tratamentos tem sido importantes para a comunicação e interação social através dos métodos comportamentais, devido à limitação de teorias científicas.

Proposta de ensino para os Autistas

De acordo com Sasaki (2002) a partir do século XX, a Educação Brasileira sofreu grandes alterações sociais e com a evolução social, contribuiu-se na forma de como entender e promover a educação especial.

Segundo pesquisas até 2007, registraram que no Brasil havia mais de 190 milhões de pessoas, estimavam-se em 1 milhão de casos de autismo (fonte: Projeto Autismo do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, 2007). As instituições que atende famílias de crianças com autismo divulgam em todo território brasileiro o aumento de casos de Autismo no Brasil (GUIMARÃES, 2015).

Ao iniciar o processo de inclusão de uma criança com necessidades especiais, o professor pode sentir se incapaz de interagir, mas os professores de salas de recursos e regulares devem entender e descobrir quais os obstáculos que necessitam para que essa aprendizagem aconteça, e o que o aluno enfrentará para aprender e o professor para ensinar. As emoções de uma pessoa com autismo devem ser levadas em consideração. Tratá-las, se resume em olhá-las para além da deficiência, elas podem aprender muitas coisas, porém o professor necessita analisar qual a melhor forma de ensinar, o melhor procedimento e os melhores materiais.

Nos dias de hoje, ainda é crítico a entrada e permanência de crianças com deficiência, seja ela qual for, na escola. Há discriminações de crianças deficientes no ambiente escolar, porém professores estão sendo preparados para atender e adaptar as crianças com essas necessidades, prolongando assim a sua permanência na escola regular (dita normal). O papel do educador na pré-escola é de fundamental importância para essas crianças.

É preciso ver além da deficiência, enxergar o autista, ou seja, ela a deficiência qual for, o ser humano que existe apesar de suas limitações verbais, motoras ou comportamentais. Lembrando que a criança vai se desenvolvendo, aprendendo a estruturar seu ambiente, enquanto o autista com os distúrbios apresentados necessita de estrutura externa para aperfeiçoar uma situação de aprendizagem. Segundo (ROCHA, 2021) estudar o comportamento humano é um assunto muito antigo na Grécia, o médico Hipócrates estudava o perfil psicológico humano qualificando-o em: colérico, e deprimido, com características próprias de comportamento único de cada um. Ressalva o professor Silva (2020) “É preciso retirar o autismo do gueto e trazer para a luz de discussões, as

dificuldades enfrentadas por crianças e famílias.”. Dificuldade de relacionamento, de se compreender certas atitudes de um autista.

O Autismo não é uma etapa a ser superada, apesar de alguns casos onde a forma a mais branda e os comportamentos parecem entrar dentro dos limites na fase adulta. Recentes pesquisas mostram que 50% a 75% dos casos continuam na fase adulta segundo BASTOS (2005).

O peso dos rótulos carregados desde a infância à descoberta tardia do diagnóstico transforma suas vidas em uma série de fracassos e insucessos. Fecham as boas possibilidades de autoconfiança e autoestima.

O autismo com Síndrome, ainda não definida, teve sua classificação em 1943 por Leo Karner. Hans Asperger pesquisou e em 1944 classificando como Síndrome de Asperger, uma das características mais conhecidos do Autismo. Até o momento não foi detectado a verdadeira causa, apenas suspeitas e muitas pesquisas.

Ainda segundo Lemos (2000), o diagnóstico do autismo possui um diferencial, o Autismo hoje é referido como Transtorno do Espectro de Autismo (TEA), nomenclaturas variadas, pois inclui outros distúrbios do desenvolvimento, como a síndrome de Asperger, a síndrome de Rett, Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, Transtorno Global do Desenvolvimento (TID, ou PDD em inglês), Transtorno Invasivo não Especificado do Desenvolvimento (sigla PDD-NOS em inglês), todos exibindo comportamentos similares, mas em graus variados.

Por esse diferencial, existe uma grande dificuldade para se fazer o diagnóstico clínico. A síndrome de Asperger pode ser apresentada com maior ocorrência no sexo masculino e apresentada por volta dos 24 meses se estendendo aos três anos. Outra agravante levantada pelos especialistas e a “discriminação das diferenças”. As crianças têm de se adaptar a um padrão estabelecido de comportamento na escola, comportamentos diferentes, sob a marca de egocentrismo, são pouco tolerá-los.

Para (ROCHA, 2021) as escolas, em geral, lidam mal com o problema por desconhecimento do transtorno, pelo excesso de normatização e pela falta de parceria com profissionais como psicopedagogos e psicólogos para acompanhar a evolução desses alunos e orientar pais e professores. “em uma aula de português, por exemplo, o professor deve funcionar como um mediador de um texto, que a mais complexa para crianças autistas. Ele tem de diminuir a quantidade de texto para elas e fazer fichas de exercícios facilitados, com perguntas diretas, caso contrario a criança poderá ter problemas no momento de interpretá-lo”, explica. Na escola, deve-se colocar esse aluno nas primeiras

fileiras e nos assentos do meio. O professor nunca deve dar as costas para o aluno quando estiver explicando algo, mas chamar sempre sua atenção com o olhar – as instruções devem ser curtas, diretas e repetidas, para ajudá-lo a memorizá-las. Deve-se evitar também dar varias instruções ao mesmo tempo.

De acordo com estudos e pesquisas, observa-se que, quando se ensina um aluno autista também se aprende e ainda se constrói um mundo de diferentes possibilidades.

De todas as experiências que surgem pelo caminho de quem trabalha com a educação; inclusão, ensino-aprendizagem, receber uma criança com o espectro autista parece ser a mais complexa.

É preciso que os professores das salas de recursos assim como das regulares estejam preparados para saber que o diagnóstico é o primeiro passo para descobrir os obstáculos que o aluno autista enfrenta para aprender e o professor para ensinar (RODRIGUES, 2009).

O educador, construindo junto uma aprendizagem com o autista, deve ser otimista e transmitir esperança para seus alunos, a falta de informação sobre autismo dificulta mais ainda o processo ensino aprendizagem. É preciso, nos como educadores, que desenvolvemos trabalhos com autistas ou qualquer que seja outra deficiência, estarmos preparados para os desafios que deparamos no meio escolar.

Com a falta de interação social, comunicação e problemas de comportamento, o autista vai necessitar de ajuda para estabelecer uma relação com outras crianças para que essa socialização aconteça e o ensino-aprendizagem seja bem proveitoso.

A situação da educação brasileira é reflexa de problemas advindos de um longo processo de exclusão educacional que, no passado, abrangeu grande parte da população, principalmente os deficientes, negros e índios, ainda hoje atingiu as camadas mais pobres dessa população. Não se trata de ausência de direito, pelo contrário, a legislação considera todas as crianças sujeitos de direito e prevê a obrigatoriedade de sua educação.

Devemos considerar as variáveis do sistema educativo, para explicar as diferenças entre os grupos de estudantes em questões de acesso, rendimento, repetência, permanência, abandono, êxito ou fracasso escolar. Outras variáveis como, por exemplo, o estímulo recebido em casa, nível de escolarização dos pais, tipo de trabalho desses pais e condições socioeconômicas da família.

A escola inclui mais e cada vez melhor os alunos participativos e abertos a novos conhecimentos e deixa de incluir aquelas crianças com deficiência Física Visual Intelectual e Sensorial, sem dúvida, por sua condição social e pessoal, não tem sucesso no estudo. No

entanto, nos casos de igualdade de acesso não é suficiente para garantir oportunidades escolares a todas as pessoas. O estado deve intervir com políticas de inclusão em defesa dos grupos mais vulneráveis.

A humanidade busca a igualdade de valor dos seres humanos e a garantia da igualdade de direitos entre eles. Por outro lado, essa mesma humanidade já não mais admite a existência da ignorância, seja porque esta pode tornar o ser humano dependente (incapacitado para desfrutar de seus direitos), seja porque ela o exclui de um ritmo de produção cada vez mais vital à crescente competitividade, por lhe dificultar o exercício pleno de seus deveres de cidadão de uma humanidade trabalhadora, produtiva, participativa e contribuinte.

Considera-se que a educação regular sofre as mesmas consequências da educação especial, observando o aumento dos educandos fracassados; o índice de educandos apresentando dificuldades de aprendizagem; educando na faixa etária entre nove e treze anos que não logram sucesso sequer para a possibilidade de se alfabetizarem; são todos excluídos em algum nível.

Esses dados demonstram a ineficácia pedagógica, pouca acolhedora do nosso sistema educacional. Denuncia a perversão da educação compartimentada, massificada, desamparada, perdida tentando se encontrar (não podemos desconsiderar os inúmeros esforços e mudanças em nosso sistema educacional), e concomitantemente a injustiça social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do professor é crucial no atendimento pedagógico ao aluno diagnosticado com transtorno do espectro do autismo e/ou suspeito, esse profissional é fundamentado com teorias e visão integral do ser humano, percebe também os sinais e sintomas que facilitam a identificação do Transtorno do Espectro Autista.

Além disso, o professor tem a missão, acompanhar e auxiliar familiares, e o autista, dando assistência, encorajando-os, transmitindo-lhes tranquilidade, focando no bem-estar do aluno autista esclarecendo dúvidas, incentivando o tratamento e acompanhamento fidedigno a esse aluno, buscando com isso a evolução do seu prognóstico.

Analisar e explicar a equipe os distúrbios que modificam o seu comportamento, buscando e ensinando a esses indivíduos evidenciando suas habilidades assim com aquelas que ele ainda não possui ou desenvolveu, introduzindo-as por etapas, ou seja, cada habilidade é ensinada individualmente, ministrando e respeitando o desenvolvimento das

etapas de cada indivíduo autista, através dos Métodos ou Sistema de comunicação utilizado com indivíduos que não se comunicam ou o faz com pouca frequência.

Método que visa ajudar a criança a perceber que através da comunicação ela pode conseguir muito mais rapidamente as coisas que deseja, estimulando-a assim a comunicar-se, e diminuir os problemas de conduta, reforçando ainda dizendo que o tratamento mais eficaz consiste em uma reabilitação global, incluindo fonoaudiologia especializada em linguagem, psicologia comportamental, terapia ocupacional, que são exemplos de métodos psicoeducacionais de educação especial, em escolas regulares.

Sendo importante o diagnóstico precoce de crianças com Transtorno do Espectro Autista, buscando adaptações viáveis tanto para criança quanto as pessoas que convivem com elas, pois o professor deverá desenvolver habilidades para tentar diminuir os sentimentos de inferioridades perante o transtorno do filho, como ainda é visto culturalmente o descarte pelos familiares do membro aluno do transtorno.

Portanto o papel do professor não se restringe a executar técnicas e procedimentos, ele deve desenvolver a habilidade de comunicação que satisfaçam as necessidades das crianças aderidas em creches que utilizam o processo de inclusão, pois estas são ferramentas que garante a qualidade do processo de cuidar, é também seu papel, orientar a família a se comunicar com a criança no ambiente domiciliar, para estimulá-la a interagir com aqueles que com ela convivem.

Diante dessa máxima, são necessários programas de treinamento para professores que estão diretamente ligados a esse público infantil, somente assim, tais alternativas tornam-se viáveis na quebra de paradigmas e nos desafios do educador que estar inserido no trabalho com crianças inclusas, estas são informações básicas para que se tenha um conhecimento prévio sobre essa patologia e saber como lidar com a mesma, somente assim influenciar a qualidade de vida dessas pessoas, pois cada situação exige que o profissional de educação passe a criar alternativas para lidar com as dificuldades de interatividade social onde o professor possa lidar com o aluno Autista.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. A. et al. **Treinamento de Pais e Autismo**: Uma Revisão de Literatura. Ciências & Cognição, S.I, p.07-22, 31 mar. 2016.

BARKLEY, Russell A. **Transtorno de Déficit de Atenção**. Editora Artmed Porto Alegre, 2002.

Priscila Setubal THOMANN. ASSISTÊNCIA PEDAGÓGICA À CRIANÇA COM ESPECTRO AUTISTA. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. FLUXO CONTÍNUO. JULHO/2022. Ed. 38. V. 1. Págs. 248-261. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

BARBOSA, Shirlaine Cristina; PEREIRA, Tarciana Maria de Lima; O enfermeiro nos cuidados ao paciente no transtorno do espectro autista infantil na unidade básica de saúde-revisão integrativa. **Revista eletrônica Estácio** Vol. 7 – Nº 02 - Março, 2022.

BASTOS, A., Monteiro, K. A. C., & Ribeiro, M. M. C. **O manejo clínico com adolescentes autistas e psicóticos em instituição.** Estilos da Clínica: Revista sobre a Infância com Problemas, 2005. 10(19), 183-193.

BRASIL. Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica,** Brasília, 2004.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. institui a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista; e altera o § 3º do art. 98 da lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. 2012. disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso 08/jun../2022.

FOUCAULT, Michel. **A constituição histórica da doença mental.** In: FOUCAULT, Michel. Doença mental e psicologia. Tradução de Lilian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 77-88. (Tempo Universitário, 11).

GOMES, Paulyane T.M. *et al.*; **Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação:** revisão sistemática. J. Pediatr. (Rio J.) vol.91 no.2 Porto/Alegre Mar./Apr. 2015. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S002175572015000200111&script=sci_arttext&tlng=pt. . Acesso 08/jun../2022..

GUIMARÃES Leandro Buzzo Mourão Construção do lugar geográfico de alunos com transtorno do espectro autismo em instituições públicas de ensino: contribuições da psicanálise. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/rt/printerFriendly/3896/0>: Acesso b10/jun. 2022.

KANNER, L. **Os Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo.** In P.S.1974.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** Ed. Moderna, São Paulo: 2005.

MAGALHÃES, Cleide. **Ações visam conscientizar sobre a autismo.** Hospital Universitário Bettina Ferro Sousa-HUBFS Ascom/HUBFS/UFPA: 2013. http://bettina.ufpa.br/index.php?option=com_content&view=article&id=789:acoes-visam-conscientizar-sobre-o-autismo-&catid=1:familiares-de-portadores-de-sdrome-de-down-se-re. Acesso 08/jun../2022.

MAZZOTA, Marcos José Silveira. **Educação especial no Brasil: História e Políticas Públicas.** São Paulo: Cortez, 2005.

NOGUEIRA, M. A. A. **A Família Com Criança Autista.** Saúde Mental. 05. jun. 2011.

Priscila Setubal THOMANN. ASSISTÊNCIA PEDAGÓGICA À CRIANÇA COM ESPECTRO AUTISTA. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. FLUXO CONTÍNUO. JULHO/2022. Ed. 38. V. 1. Págs. 248-261. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

PAULINO, Kadu Vinicius Toledo. **Autismo**. Universidade de São Paulo. São Carlos: 2015
Disponível: <http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20152/SLC0631-1/Autismo.pdf>.
Acesso 08/jun../2022.

RIVIÈRE, Á. **O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento**. In: COLL, C.;
MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (Org.). Desenvolvimento psicológico e educação. 2. ed.
Porto Alegre: Artmed, 2004. v. 3, p. 234-254.

ROCHA. F.H **O tratamento de crianças psicóticas e autistas entre a Psicanálise e a Educação**. Aproximações iniciais, 2001.

RODRIGUES. Cinthia. Formas de estimular mentes deficientes intelectuais. Nova Escola,
São Paulo, n. 188, p. 38-43, dez 2009. <https://novaescola.org.br/conteudo/440/formas-criativas-estimular-mente-deficientes> . Acesso 21/abr./2022.

SANTOS, M. F. S.; SANTOS, M. A. **Representações Sociais de Professores Sobre o Autismo Infantil**. Psicologia & Sociedade, 2012.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**. Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 2002.

SILVA, Larissa Oliveira da.. A atuação do enfermeiro em crianças e adolescentes com o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista. 18 (2022): **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem** | Volume 18 | 2022 doi <https://doi.org/10.25248/reaenf.e10152.2022>.

SOARES, Joyce e Silva et al. O CUIDAR DE ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL NA PERSPECTIVA DA REFORMA PSIQUIÁTRICA ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6544-96321> Universidade Federal do Piauí, PI. Autor correspondente: Joyce Soares e Silva E-mail: joycesoaresc@yahoo.com Recebido: 09/10/2019 Aceito: 07/01/2020

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.